

Bystrina explica significado

Professor emérito da Universidade Livre de Berlim e criador de uma teoria geral sobre os signos, ele vem ao Brasil para dar curso de pós-graduação na PUC-SP e palestra no Centro Cultural São Paulo

HELENA KATZ

Especial para o Estado

Ele nasceu na Checoslováquia de 71 anos atrás e, durante a ocupação russa, se exilou na Alemanha. De 1970 a 1990, trabalhou na Universidade Livre de Berlim, que lhe outorgou o título de professor emérito. Ivan Bystrina é um dos grandes pensadores do nosso tempo e se destacou por haver criado a teoria geral da semiótica da cultura. Daqui a dois meses, o livro em que propõe sua teoria será lançado no Brasil.

Mas se você tem pressa, pode ouvir aqui mesmo suas idéias. Até o início de junho, o professor Bystrina estará dando aulas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, às quartas-feiras, das 9 às 12 horas, na sala 134 da universidade. No dia 23 de maio, dará palestra no Centro Cultural São Paulo, às 16 horas, sobre o tema A semiótica da Cultura e o Corpo.

A semiótica, como qualquer outra teoria de nome menos exótico, propõe um modo de ver o mundo. Existem várias semióticas. Uma das que vêm conquistando mais espaço no Brasil é a semiótica da cultura. O responsável pela sua introdução no Brasil, o professor doutor Norval Baitello Jr., até criou o, Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura (Cisc), na PUC-SP. O Cisc promove cursos, seminários, palestras e intercâmbios entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros desta área. Baitello Jr. articulou a vinda de Bystrina ao Brasil. Bystrina conversou com o *Caderno 2*.

★
Caderno 2 — De que trata a semiótica da cultura?

Ivan Bystrina —
De tudo o que o ho-



sim do sonho que os homens têm, enquanto produto da fase REM do seu sono. O sonho dos cachorros importa na medida em que representa uma etapa para o estudo deste sonho humano. O homem tem o sentido da transição, da transformação.

Caderno 2 — Como o senhor chegou à semiótica da cultura?

Bystrina — Fui convidado pela Universidade Livre de Berlim para dar aula de Teoria dos Sistemas e Cibernética. A primeira coisa que percebi foi que faltava uma visão semiótica geral ao assunto, isto é, uma leitura daquilo como signo, para que se perguntasse pela sua significação. Para que a função pragmática não fosse o objetivo primeiro daquele conhecimento, para que os estudantes pudessem usar melhor o computador como ferramenta, e não como objetivo final. Essas inquietações terminaram me levando a perceber que estava tratando com um signo diferente e um domínio específico, o da cultura. Daí, aos poucos foi surgindo a necessidade de elaborar uma teoria geral que explicasse este tipo de signo.

Caderno 2 — Se cada cultura tem uma especificidade própria, como o senhor pôde preparar uma teoria geral, onde todas elas coubessem?

Bystrina — Os etnólogos que pesquisam etnias determinadas acabam encontrando algo curioso. Percebem que muitos dos problemas são solucionados da mesma maneira por povos completamente diferentes entre si. Isso leva todo mundo a pensar que há uma parcela de questões comuns a todos. O mesmo ocorre na cultura, onde o resultado varia de local para local, mas um esqueleto permanece relativamente invariável. Curiosamente, esta estrutura é a mesma em



SEMIÓTICA DA CULTURA

significado da comunicação

Foto Fernando Sampaio/AE



...ma ao Brasil. Bystrina conversou com o *Caderno 2*.

★

Caderno 2 — Do que trata a semiótica da cultura?

Ivan Bystrina — De tudo o que o homem produz, de todos os seus fazeres e criações que tenham intenção de comunicar algo para alguém e onde a razão prática não seja a função dominante, como acontece nas áreas da técnica. O signo, para nós, não é sinônimo de informação. Para que algo seja signo, deve ter intencionalidade comunicativa. É isso que identifica o signo cultural. E a semiótica da cultura toma como objeto de estudo apenas este tipo de signo.

Caderno 2 — Existe, no mundo, algo que não comunica nada?

Bystrina — Não é que não comunique nada. Simplesmente informa sem a intenção de comunicar ao outro. Muitas das atividades biológicas, por exemplo, são para informação. Pense no ato de comer. Não há intencionalidade comunicativa entre todos os procedimentos que o corpo realiza para que a digestão aconteça. Ela se dá como informação. E a semiótica da cultura estuda outro tipo de informação, só aquela que se torna signo, isto é, a informação significativa para o outro.

Caderno 2 — Não era a antropologia que cuidava de estudar os fatos da cultura? Por que a necessidade de se criar outra área de conhecimento para a mesma coisa?

Bystrina — Não é a mesma área. A antropologia é maior, pois estuda também fatos não significantes, tudo aquilo que é do domínio da informação, enquanto a semiótica da cultura trabalha apenas com os signos, com o que tem intenção comunicativa.

Caderno 2 — Então, a semiótica da cultura é fundamentalmente humana?

Bystrina — Sim, é. Vou dar um exemplo. Sabe-se, hoje, que outros mamíferos sonham e que no seu sonho representam situações do seu dia-a-dia com intensidade diminuída. Nos cachorros, os latidos são mais suaves e a reação à presença dos inimigos produz tensões menos rígidas nos seus corpos. Mas a semiótica da cultura não se ocupa deste sonho, e



RELAÇÃO ENTRE O XAMANISMO E AS GRANDES RELIGIÕES É TEMA DE SEUS ESTUDOS

de Berlim é outra semiótica que domina, a semiótica criada por Peirce (filósofo norte-americano que morreu em 1914).

Caderno 2 — Que tipo de trabalho é produzido?

Bystrina — Dos mais variados interesses. Há, só para citar dois grandes temas, a semiótica da cultura dos domínios especiais tais como dança, arquitetura, teatro, música, escultura, pintura, rádio, rádio-novela, dos jornais, etc. etc., e há a zoosemiótica, que estuda os animais como organização cultural. Toda essa outra realidade que o homem produz como religião, esportes, lazer, jogos, sonhos, é assunto para a semiótica da cultura. E a morte também, claro.

Caderno 2 — Agora, no momento, qual o seu interesse dentro da semiótica da cultura?

Bystrina — Estou pesquisando o xamanismo dentro das grandes religiões como o judaísmo, o budismo e o cristianismo. E estou desenvolvendo também um trabalho de estudo sobre as relações entre Freud, Jung e a Semiótica da Cultura. A cada dois meses volto, como professor convidado para a Universidade Livre de Berlim, onde posso partilhar essas pesquisas com o velho grupo.

Caderno 2 — Ter sido um exilado contribuiu para seus estudos?

Bystrina — Sou cosmopolita. Em cada lugar são apenas as línguas que diferem muito.

mesmo ocorre na cultura, onde o resultado varia de local para local, mas um esqueleto permanece relativamente invariável. Curiosamente, esta estrutura é a mesma em todos os lugares, e em todos os tempos também.

Caderno 2 — Como é esse esqueleto?

Bystrina — É feito pelos códigos culturais e sua origem repousa na própria estrutura do homem e da sociedade em geral. O êxtase, o jogo, os desvios mentais, o transe, o sonho, e a preocupação com a morte, por exemplo, estão em todas as culturas.

Caderno 2 — A sua teoria foi bem aceita?

Bystrina — Os trabalhos do nosso grupo acabaram sendo melhor aceitos fora do que lá. Na Universidade Livre



Ivan Bystrina: "Em cada lugar são apenas as línguas que

Pesquisas começaram em universidade da Alemanha

Bystrina doutorou-se em Ciências Jurídicas na Checoslováquia antes da ocupação russa em 1968

Ivan Bystrina doutorou-se em Ciências Jurídicas na Universidade de Praga, em 1949. Trabalhou no Ministério da Justiça e no gabinete do presidente da Assembléia Nacional do Povo. Tornou-se livre-docente em 1954, na Universidade Estatal de Moscou, onde estudou por quatro anos.

Voltando ao seu país, criou o Instituto de Ciências do Direito na Academia de Ciências da Checoslováquia. Lá, publicou oito livros, traduzidos para o russo e o japonês. De 1960 a 1968, editou a centenária revista *Pravnik*.

Ivan Bystrina participou ativamente da defesa de direitos humanos e da democracia pluripartidária. Com a ocupação militar soviética, em agosto de 1968, refugiou-se na Alemanha, tendo fugido via Áustria. Na primavera de

1969, retorna por alguns meses a Praga e, poucos dias antes do fechamento das fronteiras, é novamente obrigado a fugir. "deixo o país para não deixar meu povo."

Em 1970, a Universidade de Berlim o convida a assumir a área de Ciências da Comunicação. É lá que começa a desenvolver a sua teoria geral. Em 1971, realiza-se na Alemanha um congresso em sua homenagem para discutir a sua teoria semiótica da cultura. Para comemorar 25 anos, foi organizado um encontro internacional, em dezembro de 1994, em Salzburgo.

O professor Bystrina fala e escreve em checo, russo, polonês, eslovaco, alemão, francês, italiano e latim. E lê português, espanhol, romeno e espanhol. Atualmente é palestrante internacional e frequentemente convidado para palestras na Itália, Holanda e Áustria. No ano de 1990, também recebeu um convite do professor Norval Baitello Jr. (

Bystrina: "Em cada lugar são apenas as línguas que diferem"

Resquisas começaram em Universidade da Alemanha

Bystrina doutorou-se em Ciências Jurídicas na República Tcheca antes da ocupação russa em 1968

Bystrina doutorou-se em Ciências Jurídicas na Universidade de Praga, em 1949. Trabalhou no Ministério da Justiça no gabinete do presidente da Assembleia Nacional do Povo. Tornou-se livre-docente em 1954, na Universidade Estatal de Moscou onde estudou por quatro

retornando ao seu país, criou o Instituto de Ciências do Direito e da Academia de Ciências da Checoslováquia. Lá, publicou oito livros traduzidos para o russo e o alemão. De 1960 a 1968, editou a renomada revista *Pravnik*.

Bystrina participou ativamente da defesa de direitos humanos e da democracia pluripartidária. Com a ocupação militar soviética, em agosto de 1968, refugiou-se na Alemanha, tendo fugido via Áustria. Na primavera de

1969, retorna por alguns meses a Praga e, poucos dias antes do fechamento das fronteiras é novamente obrigado a fugir. Disse: "deixo o país para não deixar o meu povo."

Em 1970, a Universidade Livre de Berlim o convidou a assumir a área de Ciências da Comunicação. É lá que começa a desenvolver a sua teoria geral. Em 1989, realiza-se na Alemanha um congresso em sua homenagem, para discutir a sua teoria semiótica da cultura. Para comemorar seus 70 anos, foi organizado um colóquio internacional, em dezembro de 1994, em Salzburgo.

O professor Bystrina fala, lê e escreve em checo, russo, polonês, eslovaco, alemão, francês, inglês, italiano e latim. E lê português, romeno e espanhol. Atualmente, é palestrante internacional, frequentemente convidado pela Itália, Holanda e Áustria. No Brasil, este é seu segundo ciclo de conferências. O primeiro foi feito em 1990, também a convite do professor Norval Baitello Jr. (H.K.)

Bystrina: "Toda a realidade é assunto para a semiótica da cultura"

16 OBRAS CLÁSSICAS EM HIGIENÓPOLIS.

EDIFÍCIO

Saint
Paul
de
Leon

Uma coletânea de obras-primas produzidas com classe, sofisticação e 20 anos de experiência. Venha conhecer estas obras-primas. Faça parte desta harmonia.

Diagrama circular detalhando as características de um apartamento:

- 1 APARTAMENTO POR ANDAR
- 3 SUÍTES
- 3 GARAGENS
- 1 ESCRITÓRIO
- 280 M² DE ÁREA ÚTIL
- SOBRESLAZAS ETERNOS
- ÁREA DE LAZER NA COBERTURA
- SISTEMA DE SEGURANÇA
- GARAGENS PARA VISITANTES
- FACHADA EM PORCELANATO ITALIANO
- PRONTO PARA MORAR

SECOVI 905

ROOF

MOLNAR FELLER

Rua Pará, 81

Tel.: 542-3266 h.c. - Plantão: 257-2540

MOLNAR FELLER
ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA